



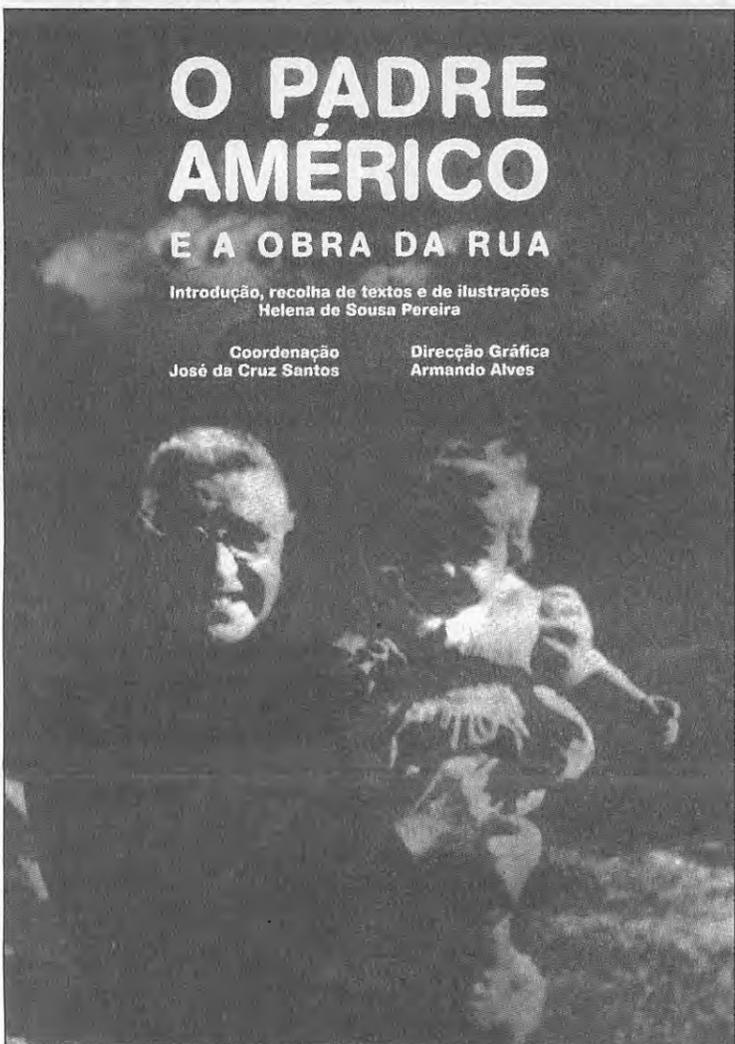
**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN  
 5 de Agosto de 2006 • Ano LXIII • N.º 1628  
 Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO  
 Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
 Fax. 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



## O PADRE AMÉRICO E A OBRA DA RUA

Introdução, recolha de textos e de ilustrações  
 Helena de Sousa Pereira

Coordenação: José da Cruz Santos  
 Direcção Gráfica: Armando Alves

## CINQUENTENÁRIO da morte de Padre Américo

Nota do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa

**C**OMPLETAM-SE no próximo dia 16 de Julho cinquenta anos sobre a morte do Padre Américo Monteiro de Aguiar, significativamente conhecido pelo simples nome de «Padre Américo».

Este homem, que poderia ter singrado numa promissora carreira comercial em África — Moçambique —, vivenciou uma conversão radical a Deus e ao serviço dos Pobres, conversão que o levou a ordenar-se padre aos 41 anos, entregando-se, desde logo, a visitar cadeias, hospitais e os tugúrios de famílias marginalizadas que abundavam em recantos e bairros de lata das nossas principais cidades.

Para estas, lança a Obra da Rua com as «Casas do Gaiato», genial iniciativa pedagógica destinada a acolher e promover rapazes desamparados. Contam-se por muitas centenas aqueles que, formados no calor cristão e familiar por esta escola de vida, estão

hoje em lugares de destaque na sociedade portuguesa. Dentro da mesma Obra lança, também, a cadeia de construção que foi «Património dos Pobres» e para amparo de Doentes incuráveis, sem família, cria o «Calvário».

Dificuldades surgidas em algumas das nove «Casas do Gaiato» e incidentes passageiros, a que a comunicação social deu relevo, deixam no horizonte interrogações sobre a «Obra da Rua». Ao evocar agora a figura heróica do Padre Américo, manda a justiça não permitir que algumas, breves, nuvens obscureçam o brilho do sol, este sol que foi e desejamos continue a ser um modelo inédito de educação de juventude.

Este dever de justiça é ainda obrigação de consciência, pois as dificuldades presentes sentidas pelas famílias, escolas e instituições juvenis, relativa-

Continua na página 3

## Santo que se fez Homem

**O** título deste texto, do Prof. Doutor Nuno Grande, é uma amostra de como o cuidado com os Pobres é fundamento de toda a pedagogia pastoral.

Deus agiu e continua a actuar na sua consciência humana e transcendente pela presença viva da Obra da Rua, fora do contexto religioso.

«O caminho de Deus é o homem», definiu a Igreja. Este Professor de Medicina vem, no seu sentir profundo, dizer de forma diferente que a santidade é a perfeição humana, nunca réplica bem bonita ao desafio

de Jesus: «Sede perfeitos como o vosso Pai que está nos Céus».

O mesmo acontece com o livreiro amigo, José da Cruz Santos, exemplo de tantos outros, para quem a Obra da Rua continua a ser, sem disfarce, o primeiro anúncio vivo de Deus.

Este número d'O GAIATO inclui algumas reportagens das comemorações.

A volta da nossa Casa foi um delírio com o Director d'O Penafidélense a comandar as operações e a registar no seu jornal a adesão em massa das pessoas sofridas, revoltadas e ansiosas de manifestar carinho à Obra da Rua.

No Barredo e no Porto, idêntica afinção de cores.

\*\*\*

**P**ASSOU meio século sobre a morte do senhor Padre Américo que foi um santo que se tornou Homem para cumprir uma vida dedicada aos que enfrentam uma existência feita de sofrimento.

Está a decorrer o processo de beatificação do Padre Américo que irá estabelecer a sua condição de santidade, o que me parece uma redundância face ao significado da sua vida cheia de amor ao próximo, especialmente ao mais desfavorecido e miserável.

Padre Américo veio à vida terrena numa época de egoísmo e prepotência em que era ilegal os Pobres pedirem pelas ruas dos burgos e viviam em tugúrios e apendres onde eram visitados e confortados por este Homem que era um Santo.

A Obra da Rua que nos legou é

a mais justa expressão da restituição ao outro do que lhe foi negado, restituição que se iniciou com a Sopa dos Pobres, se traduziu nas Colónias de Férias, na construção do Património dos Pobres, das Casas do Gaiato, dos Lares e do Calvário.

Foi um precursor nos métodos educativos, porque estabeleceu a orientação que caracteriza as Casas e Lares do Gaiato, de forma a contribuir para o desenvolvimento global de cada personalidade, num ambiente familiar, onde as crianças são tratadas, alimentadas e educadas no amor ao trabalho, num clima de camaradagem, confiança e liberdade de expressão, desenvolvendo gostos e tendências vocacionais.

Esta orientação que associa a responsabilidade pessoal à liberdade criativa é uma característica educativa que conflitua com limitações burocráticas e administrativas que se exprimem com uma grande rigidez de processos que o Padre Américo não compreendia.

A Obra da Rua é uma expressão objectiva da Cultura Lusófona e, por isso, se estendeu a Angola e a Moçambique onde tem desempenhado um papel de dignificação da vida, resistindo à guerra colonial, à descolonização e às guerras civis que avassalaram aqueles países.

Em todo o lado por onde se pode exprimir a Obra do Padre Américo, ressalta a evidência da Sua Santidade e o significado de peregrinação pela salvação da condição humana que foi a vida que viveu e a Obra que nos legou.

Nuno Grande

## Novo Livro

### O Padre Américo e a Obra da Rua

**E**LE aí está. Editado por «Alêtheia editores», propriedade da Presidente da Liga dos Amigos da Casa do Gaiato, Dra. Zita Seabra. Foi coordenado por José da Cruz Santos, um livreiro com sede de verdade e fome de justiça, enriquecido com alguns reflexos pessoais semelhantes aos de Pai Américo.

Recolha de textos e ilustrações de uma Grande Mulher, Dra. Helena de Sousa Pereira.

Chamam-lhe Fotobiografia. Eu chamar-lhe-ia uma radiografia da

alma, através da qual podemos observar a riqueza interior dos sentimentos, pensamentos, intuições, fé e visão do Homem, de Pai Américo.

Um livro a ser posto nas Universidades onde se estudam as ciências sociais e humanas, de educação, psicologia, sociologia, psiquiatria, teologia, etc.

Um livro que nos revela amplamente a sabedoria diária vivida por um homem no seu contacto com os preferidos de Jesus.

Enobrecido com testemunhos de

personalidades de proa da sociedade portuguesa, sai na hora própria como homenagem, no cinquentenário de Vida Eterna deste Homem de Deus.

Está a vender-se em várias livrarias do País e também na nossa editora, em Paço de Sousa, para onde pode ser pedido.

Padre Acílio



Mesa que presidiu ao lançamento do novo livro, na Biblioteca Almeida Garrett, no Porto.

# CINQUENTENÁRIO

## Apresentação do livro Padre Américo e a Obra da Rua

Itinerário admirável à leitura da Fotobiografia de Pai Américo, traçado pelo Dr. Gil Moreira dos Santos

**A**O comemorar uma data que equivale ao momento último de legação entre o autor e a sua Obra, somos interpelados para, alheando-nos do ruído difuso que escutamos lá fora e, independentemente de credo e afinidade geográfica ou temporal, atentarmos se continuamos a experimentar essa «impressão consoladora de que a "Obra da Rua" há-de vingar e há-de encontrar continuadores, pois não quero nem posso acreditar que... tenham desaparecido os homens de coração e cabeça, mais coração que cabeça» — pág. 210.

Tenho por seguro, até pelo facto de o coordenador dos textos como os autores dos testemunhos não serem seguramente dos «mais crentes mas (os) que (sentiram) que qualquer coisa se tem passado dentro de (mim) si, depois que l(i)eram O GAIATO», mas se reconhece pelos «frutos» do seu empenhamento cívico e admiração, que os textos e ilustrações que nos ligam às 212 páginas deste trabalho sobre «O Padre Américo e a Obra da Rua» que a jovem, mas inserida, «Alêtheia» fez editar, pretende fazer pensar «cada um de nós e não é também, na alma, criança abandonada da rua» — pág. 212 —, bem mais que recordar a pendência de um processo de canonização.

Sentimos, ao ler o que de imperativo — e muito é! — ali se guarda, não o «profeta e Homem incómodo», mas a sua vivência, que O

levou a poder exprimir-se sem «ser tolhido na palavra e na acção». Ele que parecia um «revolucionário» —, «doido», como se qualifica — (ainda que de comportamentos), e agiu num tempo e num regime político que fazia apelo ao «enquadramento». E, tal como se pode intuir, quer da «apresentação», feita com o conhecimento e o sentimento de um dos «Pais de famílias, homem aflito, queimado, interiormente e constantemente, pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgate final — a morte», quer da «introdução», o que se pretende é não fechar os ouvidos ao ecoar da preocupação de Quem, pela acção solidária, imaginou permitir que a «Justiça e a Paz reinem em toda a Humanidade».

Traça-se a biografia do Homem que se fez por acção de «marteladas», que viveu no mundo do trabalho e que, por «assinalável oposição do Pai», só aos 41 anos pôde concretizar a sua vocação. Mas, mesmo aqui, foram «marteladas» outras, que o levaram primeiro ao clero regular e depois ao clero secular, para, «"impressionista" que era "movido por intenso impulso para o outro"», ou com apontada incapacidade física ou suspeitosa convicção, mesmo dos Seus conhecidos, pois «não prestava para mais nada», nunca ter — felizmente — recebido poderes de jurisdição paroquial; antes, a partir da «visita dos pobres» que Lhe impunham a «Sopa dos



Momento da actuação da nossa «Bandinha», na Biblioteca Almeida Garrett.

Pobres», pôde ter o Mundo como área de evangelização e intervenção.

Impressionado que estava com o facto de «as maiorias faze(re)m gosto de alimentar e conservar o pobre na sua condição, tendo para isso na ponta dos dedos e a toda a hora o tostãozinho», conclui que «é preciso ir procurar os verdadeiros casos» de «pobreza escondida nos tugúrios da cidade, nas tocas, nas casas de lata».

Apercebeu-se que os homens já então — e então hoje?! — «provam ter medo de entrar num Barredo, onde a injustiça dos homens mais se nota», sendo que detectava — e que

actual é este diagnóstico, infelizmente! — que «tuberculose, a "tinha" — (hoje recordada até pelas sequelas que o tratamento pode ter determinado) —, alcoolismo, desemprego e emprego instável, mendicidade, mortalidade infantil, exploração do trabalho feminino e infantil, desmazelo, falta de sentido de economia e de asseio, vícios ou taras hereditárias e degradação habitacional constituíam as chagas... nas ruas da cidade de estudantes» em que convivia.

E é nessa cidade e com os universitários e sacerdotes, aqueles que julga capazes de «transmitir, por

exemplo, princípios de educação social e moral», que parte para um empenhado modo de «proteger e prevenir a saúde da criança desprotegida e carenciada, proporcionando-lhe espaço de recuperação física e formação moral em plena natureza», numa linha pedagógica e ambientalista, de que foi arauto e precursor — pág. 43.

Incute a busca do prazer da saúde, do convívio mas, sobretudo, da realização da personalidade, num ambiente que, como se sintetiza num dos depoimentos recolhidos, se caracteriza por «anti-directismo, personalização de métodos, inter-relação grupal entre novos e menos novos, exercício de responsabilidade e liberdade de movimentos».

Para tal, há que incutir duas noções que reputa fundamentais: O amor da família; o da redenção pelo trabalho.

Centrando a sua tarefa de «reinserção», mais que de «recuperação», no «Rapaz» que não tem família, pois, sobretudo, Ele age entre a «orfandade de pais-vivos», procura dar-lhe um lar para que, tal como fez no «Lar do ex-Pupilo», antecessor do Regime de Internato de Menores, seja possível que venha a «sair do Lar comum para o seu particular». Para tal exige-se amor, mas intervenção correctiva, com a ideia de hierarquia democrática, com um «Maioral» eleito pela Comunidade, afastados que os Padres devam estar até de funções administrativas, embora vigilantes na formação moral.

E, já aí se acentua que, face ao «camaleão» que é o «Gaiato» saído do tugúrio, tanto capaz de «admirável espontaneidade» como de «enfiar uma batata a ferver no ouvido do parceiro», (exemplo colhido no «Quim Mau», Rapaz cuja imagem, de braços abertos a pedir amor do próximo, passou à posteridade simbolizado na pedra), há que corrigir «maus comportamentos e atitudes, sobretudo nas "coisas pequenas"».

## O Padre Américo e a Obra da Rua - Fotobiografia

Lançamento na Biblioteca Almeida Garrett, 15 de Julho de 2006

**G**OSTARIA de começar por um abraço ao José da Cruz Santos (um xi, como ele costuma dizer!) que, nestas alturas, o pudor sempre camufla na penumbra da plateia. Este livro é dele. Mereci-lhe a confiança de ser eu a dar-lhe corpo, e estou-lhe grata.

Agradecer também à Editora Alêtheia, na pessoa da Zita Seabra, que aceitou sem hesitar o múltiplo desafio que constitui esta publicação. E um obrigada especial à Alexandra Louro, sempre disponível.

Uma palavra grata, inevitável, a quatro homens extraordinários, a quem fico devendo, sem retorno, ter partilhado de vidas que são lição: o Padre Carlos Galamba, o Padre Acílio, o Padre Manuel Mendes e o senhor Júlio Mendes, que generosamente me receberam na sua Casa e à sua mesa como um par, honra imerecida que registo com comoção.

Não posso ainda deixar de referir o Sr. Joaquim Guimarães, da Foto Antony, que confiou, e graciosamente pôs nas nossas mãos todo o espólio fotográfico que tornou possível este trabalho.

Um obrigada ao Mestre Armando Alves, com quem foi tão gratificante privilégio trabalhar, e, é claro, o meu muito obrigada a todos quantos estão prestando a sua atenção a este livro, e que são também, afinal, sua razão de ser.

Pela minha parte, foram várias as razões que me levaram a aceitar, entusiasmada, a proposta do Cruz Santos.

Por um lado, deve fazer, por esta altura, mais ou menos 30 anos que conheci a Casa de Paço de Sousa e a Obra da Rua. Aconteceu-me assim pela mão das irmãs Doroteias do Colégio de Nossa Senhora da Paz, que frequentei, criança. Não sei se por pura simpatia pela Obra, se para nos irem dizendo, devagarinho, que havia mundos outros para além do desenhado pelas protectoras paredes do Colégio, a visita à Casa de Paço de Sousa era, ao tempo, costume instituído. Sei que, a mim, me marcou. Tanto, que era com desconforto que vinha assistindo, já adulta, ao que me parecia ser uma progressiva perda de visibilidade da Obra. Da Obra e de tudo, de resto, o que per-

turba a felicidade, tal qual, aparentemente, a entendem estes nossos dias — feita de pouco mais que vida alheia, de consumo, futebol e televisão. Não escondemos os nossos velhos em lares? Não mandamos morrer nos hospitais? Não achamos as ruas tão sujas de arrumadores, drogados, sem-abrigo e imigrantes sem papéis?

Abandonada pelo poder político, paulatinamente afastada da cena social, também a Obra da Rua parecia condenada a esvanecer-se em ausência, até não restar senão como memória de alguns. Que subitamente a arrancassem ao esquecimento pervertida em pura Sombra, não soube prever. E então era a hora.

Este livro seria uma homenagem, uma evocação da vida e obra do Padre Américo, sim. Este livro daria a recordar ou a conhecer a personalidade que foi, o humanista que agiu, o pedagogo que ousou, o padre que amou, com seus percursos e percalços, «marteladas» e vagens e esperanças, «angústias», e todos os impossíveis que domou, pelo riso e pelo berro, pelo exem-

plo sobretudo, tanta a teimosia quanta a convicção.

Este livro, sim, faz o retrato de uma vida e de uma obra — de uma vida feita Obra — mas nada tem de nostalgia, que nostalgia não casa bem com Padre Américo. Porque este livro é, antes de tudo, um protesto: só devolvendo a Obra da Rua e a Casa do Gaiato à luminosidade da esfera pública poderemos falar sobre ela, e avaliá-la, e entendê-la, porque resgatá-la à penumbra do esquecimento não é fazê-la subitamente parangona de jornal. A Obra da Rua está aí para ser vista, cinquenta anos (amanhã) após a morte do seu Fundador. Pois vejamo-la, vigiemo-la, sim, mas com a atenção permanente e generosa que é Cuidado; pousemos sobre ela olhos que querem conhecer, desvelando-lhe a história, esboçando-lhe a alma e o perfil. Amemo-la, primeiro, comovidos e gratos. Só assim um sobrolho severo, acaso o mereça, poderá constituir-se, como deve, como oportunidade de crescer, e de se ultrapassar.

Helena de Sousa Pereira

Tiragem média  
d'O GAIATO, por edição,  
no mês de Junho,  
53.800 exemplares

# CINQUENTENÁRIO

## Pedagogia com validade

**S**EMPRE os Padres da Rua entenderam esta necessidade. O reparo do Prof. Candeias e do Padre Durães tem toda a razão. Não se pode entregar uma Casa do Gaiato a qualquer pessoa preparada academicamente. É necessário, primeiro, uma vida intensa e longa numa Casa do Gaiato.

Nota da Direcção

«O método pedagógico usado para a formação dos rapazes nas Casas do Gaiato ainda hoje é válido, mas usado em contextos diferentes pode ter uma concretização também ela diversa. Por isso é necessário que haja uma formação adequada dos padres que estão à frente destas Casas. Esta é uma ideia que fica da análise efectuada por dois estudiosos da Obra do Padre Américo, em entrevista ao Programa ECCLESIA. Segundo Ernesto Candeias Mar-

tins, docente da Escola Superior de Castelo Branco na área das Ciências da Educação e autor de uma obra de investigação sobre o trabalho do "Pai Américo", a pedagogia usada que se constitui numa estrutura de autogoverno, em família, e comunidade "integra-se dentro das pedagogias mais avançadas do século XX", embora considere que esta pode ter várias dimensões. "É uma pedagogia activa, situada e naturalista", frisou.

A articulação entre autoridade e

liberdade é um dos aspectos focados por este investigador, destacando uma autoridade que se concretiza por uma "autoconfiança assumida", em que, "pouco a pouco, os rapazes vão assumindo que há o seu chefe, e o Padre da Rua — é aquele que 'sangra' pelos outros, mas que lhes dá amor", explicou.

Nesta pedagogia e como em qualquer família o castigo tem por função "fazer com que o rapaz se consciencialize do mal que fez", defende Ernesto Candeias Martins, uma posição partilhada pelo Padre Manuel Durães Barbosa, com a ressalva de que o castigo "pode apli-

car-se desde que seja proporcional ao mal que se fez, seja aplicado na ocasião oportuna e com amor". O que — acrescenta — "acontecia na Casa do Gaiato e ainda hoje".

Para suprir algumas lacunas que se possam vir a observar neste âmbito, o Padre Manuel Durães Barbosa considera que é necessária "uma preparação do Padre da Rua que está a orientar a Casa", e aponta ainda a existência de "voluntários, devidamente preparados, que ajudem a concretizar o projecto do Padre Américo que ainda hoje é válido".

In Agência Ecclesia,  
18 de Julho 2006, pág. 2.

Continuação da página 1

mente à educação das gerações futuras, pedem-nos que recolhemos as proveitosas lições de um mestre.

O Padre Américo ensinou-nos a acreditar na riqueza de valores que o próprio educando traz em si, o torna criativo e capaz de responsabilidade; demonstrou-nos o alcance pedagógico do brio na tarefa assumida; acreditou na transformação pessoal a partir da liberdade progressivamente experimentada. Estes proveitos e outros se exprimem no lema com que intitu-

## Cinquentenário da morte de Padre Américo

lou as suas Casas, onde a porta está sempre aberta: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

A raiz destes princípios é o amor evangélico aos mesmos rapazes. Este Padre, que encarnou concretamente a sua missão de Pai, estruturou cada uma das «Casas do Gaiato» sobre o amor generoso e sem condicionantes dos Padres que o continuaram, aos educandos, vindos de situações

familiares e sociais deploráveis. Igual amor sem limites e sem aplausos, ele o tem, como certo também, na multidão de apoiantes e benfeitores, de quem nunca recebia doações por morte ou com aplausos publicitários.

Ao assinalarmos a vida e Obra deste grande Padre, que nos deixou há cinquenta anos, queremos manifestar aos «Padres da Rua», sacerdotes que agora dão corpo ao sonho

inicial, o nosso apreço, a nossa gratidão e o nosso propósito de ajuda.

Como todas as instituições humanas, também a «Obra da Rua» sofrerá a evolução do tempo com a inevitável mudança de condições e a desejável melhoria de métodos. Interessados em prosseguir este caminho, nas naturais variantes que assumirá, pedimos aos cristãos que permaneçam fiéis no seu carinho e na ajuda a esta jóia da Igreja no

nosso País e em terras africanas. A todos os portugueses, decerto preocupados com os actuais problemas da educação e os seus numerosos portadores, a nossa homenagem porventura crescente de crianças em situação familiar de risco e desamparo, lembramos que a experiência pedagógica do Padre Américo continua um manancial a integrar em formas adaptadas às instituições sociais mais recentes. Que Deus nos ajude a recolher as suas riquezas, validamente pedagógicas e profundamente cristãs.

Lisboa, 13 de Julho de 2006,  
Conselho Permanente da Conferência  
Episcopal Portuguesa

«É que, vindo de um meio onde os valores andam invertidos, pois a rua imprime-lhes no espírito o natural desprezo pela virtude» — e caso mediático, desta cidade, recente, reforça este juízo! — há que «aproveitar os incidentes da vida doméstica, os mais pequenos, os mais caseiros, para levar o pequenino a reflectir, compreender, a amar o bem».

(Isto foi pensado e escrito muito antes de um qualquer Mayor de Nova Iorque vir falar em actuação nas «coisas pequenas» como factor de prevenção da marginalidade, para evitar o acentuar da criminalidade!)

Pensava-se na Pessoa que era, em potência, o Rapaz. Por isso, repetia que «não há rapazes maus», ao contrário do pensamento filosófico, que, num dos depoimentos, aparece como um «paradoxo» cuja explicação porém, logo colheu na juventude.

Pretendia com tal afirmação, não negar a «garrulice» ou a «ilicitude» de comportamentos de menores, mas dizer que: «os que faziam por serem portadores de anomalia psíquica não eram moralmente responsáveis pelos seus actos; os psiquicamente normais que praticassem o mal eram quase sempre conduzidos a isso por motivos de que não tinham culpa — orfandade, falta de educação familiar, fome ou pobreza extrema; os que tivessem cometido acto reprovável não deviam ser castigados com severas punições típicas dos adultos, antes acarinhados, envolvidos no amor ao próximo e reeducados para a vida sã e positiva, porque o seu fundo era bom e só aguardava uma acção bem orientada para se revelar e vir ao de cima» — fls. 136/7.

(Que actuais são estas ideias, quer

face à Declaração Universal dos Direitos da Criança, quer face à discussão do direito penal dos menores, que sempre surge quando factos mais chocantes emergem à observação e análise da sociedade...!)

E as teorias da «formação da personalidade» da «inteligência emocional» e da «emoção e sentimento» não perpassam aqui?)

São inúmeros os depoimentos recolhidos onde, ao lado da alusão a situações em que «foi para os Seus, mas os Seus não o reconheceram», como dizia Eduardo Valente da Fonseca, citado a fls. 151 —, há séria inquietação e aplauso meditado, sendo aquela por não ver afastado o risco que Ele atalhou quanto aos «excluídos, aqueles que não dão crédito nenhum à Igreja, nem lhe fazem falta nem tão pouco a conhecem» — fls. 197 —, demais que «no mundo e na sociedade (onde) se impõe o cinismo, a crueldade e egoísmo», o «aparelho político e policial aceita vê-lo consagrado à sua tarefa de recuperação», para que se possa fornecer «aos mais novos... sobretudo as armas da inteligência, aquelas que permitem antecipar a resposta dos inimigos e dos adversários» — fls. 133.

Não negava a actuação corporal correctiva, pois o Seu testamento refere que «o uso de castigos corporais, aonde não possa ser banido, seja escrupulosamente aplicado; vale mais uma palavra amiga, conveniente e oportuna».

Mas, se temos que nos reportar ao período em que esta posição foi assumida — em 1949 — também temos que reconhecer que «uma andorinha, não faz a primavera...!»

É, norteado pelo princípio evangélico de que «ganharás o pão com o suor do teu rosto», que deixa como

testamento a ideia de que «a nossa divisa "Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes" (impõe) que o trabalho deles, por mãos deles, querido por eles, é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem...»

Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão, em nossas Casas, com o suor do seu rosto. Chame-se cada um a esta responsabilidade e não se lhe falte com o salário justo».

Tinha a certeza da falibilidade da acção humana, pois, entende construir a «Obra não (como) fábrica de apilar meninos. Muitos sucumbem, sim. Mas sucumbiriam se os deixássemos em paz» — pág. 45.

Mas, agir sobre o «pobre na sua condição» é ir mais além na intervenção social.

Se o pobre «é o carenciado, aquele que não pode pagar sequer a "renda acessível", o que "não pode compensar"», há que buscar «Património dos Pobres», o «Ovo de Colombo» — pág. 105 — ou seja, «aquilo que perante o mundo é loucura, que a lei não prevê» — fls. 56 —, a «espantosa facilidade em construir e juridicamente entregar» — fls. 102.

E daí mais um empenhamento, nos peditórios e nas diligências junto das entidades, onde, a par do humor — como na carta à Provedoria — fls. 110 — aparece o «látigo da injustiça», quando parece desajustado o empenho assumido por quem pode e para quem necessita — carta a fls. 100 e 110.

Mas, Rapaz também pode ser o «jovem de famílias não normais, com "idosos e deficientes abandonados e incuráveis ou convalescentes", aquilo que será — foi — o "Calvário"».

Para estas situações há que buscar

resposta, criando um ambiente de apoio em meio hospitalar...!

Surge, pois, a criação de casa em roda de um estabelecimento assistencial, onde «não há criado, nem verdadeiramente o enfermeiro», antes todos se envolvem em partilha e apoio solidário, já que, ao mesmo tempo que se procura «tornar válido o Inválido para que esqueça e seja alegre», se pede ao Rapaz um «quase voluntariado».

Pelo livro perpassa o modo como, em exaltação de pregação ou nos escritos, tiveram eco as Suas palavras de evangelização e catequização, em Portugal, como em África, que visitou e onde «incendiou» corações e comunidades, do mesmo modo que vemos como o verbo se fez obra ou a «boa semente» deixou «raízes» em quem para tal não estava «desperto».

E nesta leitura fixei as palavras ditas, com carinho de Avô e Neto, e para mais com a capacidade de reconhecer «fragilidade», que envolve o Professor Nuno Grande e a sua meninice.

No livro entendeu-se fixar a ideia de repúdio, desde sempre, de «mercantilismo» na intervenção, regra que queria ver na continuação da «Obra dos Rapazes» ou na «da Rua», impondo a rejeição da aceitação de testamentos, bolsas ou dotes, para que o «apelo a carne» não fizesse desviar a «Obra» do seu objectivo: «o Pobre», o que não tem efectivamente família, e não aquele cuja família não consegue para ele encontrar resposta... ou tempo!

Por certo, porque há coincidências temporais ou conjunturais, será por acaso por a Obra se ter iniciado em terrenos da «antiga Casa Pia», nome que, neste tempo mediático presente, em que este último nome tanto vem

à colocação, que aparecem na imprensa «focagens» sobre a instituição, sobrelevando eventuais imprecisões humanas, com relato das inspecções, que, no dizer de um responsável, levaram a «tudo pentear, desde os quartos dos doentes às instalações do gado», acções sempre com muitos acompanhantes, tanto que os responsáveis admitiram que eles próprios «tivessem sido descobertos como "piratas das leis" que regulam a Assistência Social».

Algo terá isto a ver com o facto de desde sempre o Padre Américo ter escrito que se «O GAIATO não tem categoria para dar opinião (mas tem) a experiência (que) ensina que, sempre que o Estado chama a si a administração directa das empresas, temos desastre à vista?»!

Pensamos que este livro, se o seu conteúdo fosse interiorizado, podia ter efeitos na sociedade e em cada um de Nós.

O «Estado Democrático, republicano, teria obrigação de incentivar e patrocinar esta acção de redimensionamento público do Padre Américo», como interpela um dos testemunhos.

A cada Um como cidadão, e para seguir aquela linha de conduta de solidariedade cristã, incumbe «esperitar candeieiros, mesmo que (estes, assim) nos mostrem o mal que nós pretendemos esconder... as trevas que a maior parte dos homens amam» — fls. 189.

É que, se nos reunimos em nome e por causa d'Ele, se somos Homens de coração mais que de cabeça, podemos fazer continuar a «Obra», arrimados ao lema que será seu: do «Pai Américo»: «O que não pode a força e a ciência, pode o amor» — fls. 197.

Porto, 15 de Julho de 2006

## Setúbal

## Pobres

É uma família Pobre que há muito conhecemos e acompanhamos. Com a tua partilha, conseguimos ajudá-los a erguer a sua casa. Na altura tinham dois filhos; agora têm três — três amores, como diz a mãe.

De longe a longe bate-nos à porta. Quando a mensalidade que a Segurança Social lhes prometeu não vem, o pão começa a faltar à mesa, bem como os medicamentos e qualquer outra necessidade mais urgente.

Contam mensalmente com o Rendimento Mínimo e uma pensão de 160 euros por invalidez do marido. Esta mensalidade não tem faltado, mas o outro não é garantido.

A mãe das crianças não tem saúde para trabalhar fora de casa, e o pai está condenado, pela pensão que recebe, a não o poder fazer. Quem o considerou inapto para o trabalho, certamente julgou bem. Na sequência, deram-lhe este magro rendimento com que há-de alimentar-se e alimentar a mulher e os três filhos. Mas quando o Rendimento Mínimo falha, que há-de ele fazer?

Nestas alturas, vem ela bater à nossa porta que, graças a Deus, sempre se abre. Eu cá fico a perguntar-me: — Então se alguns cidadãos ganham várias reformas, e às vezes até bem chorudas, porque não há-de este Pobre, também ele um cidadão, nos momentos mais difíceis procurar um meio transitório de rendimento?

Já o tentou fazer, mas avisaram-no logo que perderia a pensão de invalidez. Eu penso que ele poderá estar inválido para uma actividade permanente, mas, a espaços, deve-

ria poder lutar para resolver uma situação aflitiva!

Já não era pequeno o mal de não poder trabalhar, normalmente por causa da sua incapacidade física; aumentou-se este mal ao condená-lo à inactividade com esta parca reforma.

Agora, ao ver o chão a fugir-lhe dos pés, esta mãe começou a angustiar-se; a conta da mercearia aumentou em saldo negativo; na farmácia, idem; a luz, também; e agora «nem para comprar o vestido e calçado para a festa da minha filha que faz a Primeira Comunhão, e ela anda muito triste de nem ter um bolo para o dia da festa... por isso, estou a pedir esta ajuda».

Nós sentimo-nos indignos desta chamada; embora nos sintamos parte desta família.

Fomos lá. E em dia de tanto calor, bebemos um copo de água fresca que não ficará sem recompensa.

Padre Júlio

## Calvário

## O segredo

A sociedade classifica, normalmente, as pessoas pelos dados mais imediatos, como a cor da pele, a posição social, os cursos que obtiveram, os bens que possuem, os amigos que as rodeiam, a família a que pertencem. Enfim, a capa com que se vestem.

Mas a pessoa não é algo que se possa verificar pelo exterior, pelo lado visível. A pessoa humana é um segredo que guarda bem guardado dentro de si mesma. E esse segredo está escondido no coração. É lá que está verdadeiramente o ser profundo de cada um.

O Evangelho aponta muitas vezes para aí. As circunstâncias levaram Pedro a negar o Mestre. Mas Este conhecia bem o coração do apóstolo. E, após a Ressurreição, quis que Pedro se revelasse e perguntou-lhe:

— Pedro, tu amas-Me? — O coração abriu-se e o verdadeiro Pedro deu-se a conhecer:

— Tu sabes que Te amo.

Temos aqui muitos doentes sem estatuto social, sem nenhuma classificação na área do saber, sem recursos nem família nem amigos. Mas quão ricos interiormente! Possuem uma grande capacidade para se darem, uma vontade sempre pronta para ajudar, com o coração aberto para quem lhes sorri. Dão a mão ao próximo com uma humildade e uma generosidade espantosas.

Alguns já estão conosco há décadas. Eram lixo que apanhei nas ruas. Mas foram crescendo no amor pelos outros. Sentem mesmo enorme alegria quando alguém vem de novo. Não é normal acolher sem mais quem chega, desconhecido e com mazelas. Mas não há desconfiança nem preconceitos. Há, sim, acolhimento alegre de quem entra de novo. Todos o rodeiam e ficam felizes por alguém vir partilhar a vida com eles. Se está aqui é porque precisa!

Só fazem uma pergunta e não dispensam a resposta:

— Como te chamas? — Isso lhes basta.

Só um coração aberto assim procede.

A Maria José, largada no Calvário por quem a não desejava em casa, levanta-se cedo e, com carinho de irmã, assume a tarefa de erguer alguns doentes e colocá-los nas cadeiras de rodas. Lava-lhes o rosto e de seguida arruma-lhes as camas.

Quando passo por ela tenho de ouvir sempre a mesma melodia:

— Temos aqui camas vazias. É preciso ir buscar mais doentes.

Faz de mim um pau mandado, mas vejo com alegria que estes doentes têm um coração bem aberto. E há tantos que permanecem cerrados.

Padre Baptista

## Malanje

## Mudar a nossa mentalidade

DEUS é Beleza, é Bondade, é Amor!

Para nós: Manto de neve nas planícies e montanhas! Porém, estragamos tudo: Fazemos guerras; semeamos sexo e violência, recorremos ao álcool e às drogas. Como cogumelo gigante, nasceu a revolta dos jovens, nas escolas e nas famílias.

Regressamos à Beleza e Bondade de Deus que se reflecte nas suas criaturas.

Seja: em plena guerra fratricida, num bairro pobre, Papá Miguel recolheu, em sua casa, quarenta crianças que tinham ficado sem poiso! Seu olhar de menino é reflexo cristalino da Bondade de Deus.

Lembro também a Irmã Amélia que ia, debaixo das balas, aos bairros pobres socorrer pobres e doentes.

Ainda um Padre Belga que dormia numa tarimba de soldado e se alimentava do leite que fazia em baldes para alimentar os refugiados das linhas de combate. Reflexo nítido do Amor de Deus.

Não quero lembrar as belezas da Natureza que o Senhor nos deu e nós destruimos quotidianamente.

Quem nos mostrará, dando realce, o positivo, sinais mais, que felizmente ainda há nas nossas sociedades?

É urgente mudarmos hoje a nossa mentalidade — amanhã será tarde.

Padre Telmo

## Benguela

## Pai Américo continua eternamente Vivo

NA hora em que escrevo estas notas, estão muito vivas, dentro de mim, as impressões da Festa da Obra da Rua, celebrada em 16 de Julho. Na véspera, foi a apresentação da Fotobiografia da vida e obra de Pai Américo, na Biblioteca Almeida Garrett, no Palácio de Cristal. Houve testemunhos muito sentidos e muito lindos de pessoas com lugar marcante na sociedade civil.

Pai Américo continua vivo, eternamente vivo. A sua mensagem, porque era verdadeira, entrou no coração da gente do seu tempo histórico, mas continua, hoje, com a mesma eficácia. Não tenho dúvidas!

O dia 16 de Julho é Festa em todos os cantinhos da Obra da Rua. Uma das notas mais impressionantes do programa é o encontro dos filhos criados na Casa do Gaiato. Alguns, desde o início. Apetece-me dizer que é caso único em famílias deste género. Vêm os maridos e as esposas. Vêm os pais, os filhos e os netos. O ambiente que se respira é da família. E os que não estão presentes lembram sempre este dia.

Creio que uma fonte segura do conhecimento da Casa do Gaiato é a vivência destes momentos. É curioso que junto de mim estava alguém admirado com o espectáculo que tinha diante dos olhos. Não resistiu a confidenciar-me: — Não se pode entender o que está no núcleo da vida da Casa do Gaiato sem a vivência deste momentos. Os que julgam a Casa do Gaiato pela casca,

por fora, nunca chegarão a entendê-la. É preciso estar dentro. Mergulhar no miolo.

É verdade. Quando entramos no coração de cada filho que está na Casa do Gaiato. Quando escutamos os gemidos, ao jeito dos murmúrios da água dos riachos, que saem do seu coração, o amor manifesta-se irresistível. Só vemos um caminho na nossa vida. É a decisão de Pai Américo: — Deixar tudo e seguir o Mestre que chama por nós em cada um destes filhos.

Ao falar deste modo, revivo a experiência da minha vida, no contacto com as crianças da rua. Quanto mais as conhecia, mais felicidade experimentava. Foi do trabalho com elas, ao longo dos anos da minha formação, que descobri o caminho dum padre feliz.

Por isso, a Festa da Obra da Rua, por ocasião do 16 de Julho, é festa dum grande família. Cumpre-se, deste modo, o projecto de Pai Américo que vai ao encontro da primeira necessidade dum filho que é a família. A resposta adequada ao problema da criança abandonada está no ambiente familiar criado por uma relação fraterna muito forte entre os membros da comunidade. Como gosto de ouvir o nosso Gabriel dizer que «nós, os gaiatos, somos muito unidos!» É maravilhoso darem as mãos nas horas aflitivas, como partilharem as alegrias nos momentos festivos. Esta relação horizontal não existiria sem um ponto de referência na linha vertical. São os pais. Sim, os rapazes sabem que não são criados por funcionários.

Como os filhos, numa família natural, olham para os pais como fonte de amor gratuito. Assim, na Casa do Gaiato, sabem distinguir, pela força do amor e da justiça, as pessoas que vivem só para eles. E que são imperfeitas como os pais de sangue também são.

Graças a esta relação na linha vertical, dia-a-dia cultivada com paciência e esperança, juntamente com a relação na linha horizontal, que os ajuda a descobrir um irmão em cada companheiro, nasce o ambiente familiar que os ajuda a curar as rupturas afectivas de que são portadores.

Pai Américo foi um artista original. Todo o educador autêntico é um artista. Sabe descobrir a riqueza guardada no coração de cada um e pô-la a render, de mãos dadas com a própria obra de arte. Quem nos dera conhecer cada vez melhor o caminho e segui-lo.

Padre Manuel António



Missa campal na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 16 de Julho.